

© 2008 Karin Strobel

Editora da UFSC

Campus Universitário – Trindade

Caixa Postal 476

88010-970 – Florianópolis/SC

Fones: (48) 3721-9408, 3721-9605 e 3721-9686

Fax: (48) 3721-9680

edufsc@editora.ufsc.br

www.editora.ufsc.br

Direção editorial e capa:

Paulo Roberto da Silva

Revisão técnico-editorial:

Aldy Vergés Maingué

Editoração:

Victor Emmanuel Carlson

Revisão:

Sueli Fernands

Ficha Catalográfica

(Catalogação na fonte pela Biblioteca Universitária da
Universidade Federal de Santa Catarina)

S919i Strobel, Karin
As imagens do outro sobre a cultura surda / Karin
Strobel. – Florianópolis : Ed. da UFSC, 2008.
118p. : il.
Inclui bibliografia.
1. Surdos. 2. Cultura. 3. Surdos – Aspectos.
I. Título.

CDU: 362.42

ISBN 978-85-328-0428-0

Reservados todos os direitos de publicação total ou
parcial pela Editora da UFSC

Impresso no Brasil

“... e naquele instante, observando minha
filha surda de três anos brincando no jardim com
outras crianças, eu a tomei pela cintura e a sentei no
muro.

À minha frente, sua bela e pequenina figura
iluminada pela alegria e o céu às suas costas.

Lembro-me bem daquele momento mágico e
lá no fundo do meu coração agradecei:

– Obrigada, meu Deus, por tê-la enviado para
junto de mim!”

Capítulo 2

Os surdos têm cultura?

*“Jeito surdo de ser, de perceber,
de sentir, de vivenciar, de comunicar,
de transformar o mundo de modo a torná-lo habitável.”*
(Gladis Perlin)

Já discorreremos sobre os variados conceitos teóricos culturais, vamos refletir a seguir sobre o que vem ser a cultura surda.

As pessoas se espantam e questionam com perguntas como: os surdos têm cultura? Como pode haver uma cultura surda? Será que nas festas dos surdos há músicas? Em relação a essas dúvidas, Magnani (2007) argumenta:

“[...] experiência com os surdos era como a da maioria das pessoas, a de alguma vez ter visto duas pessoas conversando por meio de sinais, sem prestar maior atenção – o olhar não treinado não vai além do que o senso comum registra”.³

Estes questionamentos ocorrem porque as pessoas não conhecem e não sabem como é o mundo dos surdos e fazem suposições errôneas acerca de povo surdo. Quando a palavra “surdo” é mencionada, que imagens vêm a mente das pessoas? Lane (1992, p. 26) explica que é comum as pessoas deduzirem que os surdos vivem isolados e que para se integrar é preciso adquirir a cultura ouvinte isto é, para viver “normal”, segundo a sociedade é preciso ouvir e falar:

Ao imaginar como é a surdez, eu imagino o meu mundo sem som – um pensamento aterrorizador e que se ajusta razoavelmente ao estereótipo que

³ Fonte: <http://www.n-a-u.org/AntropologiaUrbanadesafiosmetropole.html>

projetamos para os membros da comunidade dos surdos. Eu estaria isolado, desorientado, incomunicável e incapaz de receber comunicação.

Estas representações imaginárias estão equivocadas, os povos surdos não vivem isolados e incomunicáveis, simplesmente os sujeitos surdos têm seus modos de agir diferente de sujeitos ouvintes, confira o relato de Magnani (2007) ao se deparar com os sujeitos surdos em uma festa junina na comunidade surda:

Foi uma experiência diferente: entrei na festa e de repente me vi no meio de cerca de dois mil surdos – eu nunca tinha visto tantos surdos juntos – e ali eu é que era o estranho! Não falava como eles, não entendia o que diziam, sentia-me caminhando por uma tribo cuja língua eu não conhecia, cujos costumes me eram alheios. Sequer sabia qual era a etiqueta: como é pedir desculpas, na língua de sinais, quando a gente esbarra em alguém? No início, essa dificuldade causou um certo constrangimento, mas logo comecei a circular no meio deles e a apreciar outras formas de contato e sociabilidade que, se eu não podia decodificar através daquela língua, porque eu não a dominava, podiam ser entendidas por meio de outros códigos.⁴

Os sujeitos ouvintes vêem os sujeitos surdos com curiosidade e, às vezes, zombam por eles serem diferentes. Wrigley (1996, p. 71) explica que a política ouvintista⁵ prevaleceu historicamente dentro do modelo clínico e demonstra as táticas de atitude reparadora e corretiva da surdez, considerado-a como defeito e doença, sendo necessário de tratamentos para “normalizá-la”:

[...] surdos são pessoas que ouvem com ouvidos defeituosos. Se pudéssemos consertar os ouvidos, eles estariam ouvindo. Esta lógica comum na verdade é comum, mas não necessariamente lógica. Os negros são pessoas brancas que possuem pele escura. Se pudéssemos consertar a pele, eles seriam brancos. As mulheres são homens com genitália errada...; e por aí vai. Essas transposições cruas revelam um tecido social de práticas pelas quais nós sabemos quais identidades são tanto disponíveis quanto aceitáveis.

Aponto aqui um exemplo de uma família ouvinte de uma surda que foi levada ao médico com a esperança de ter possibilidade de fazer uma cirurgia para a “cura”

de sua “surdez” e o médico alegou que não poderia operar devido as alergias no sistema nervoso da menina surda:

Voltamos para casa e ao chegar começou aquela choradeira de novo, e eu mais uma vez sem entender por que todos tinham que chorar, Ângela tentava me explicar que as pessoas estavam tristes por que eu não poderia ouvir como uma pessoa ouvinte. Foi muito difícil para eu entender o que acontecia com eles. (VILHALVA, 2001 p. 26).

Para essa comunidade ouvinte, o nascimento de uma criança surda é uma catástrofe porque estão acostumados com padrão “normalizador” para integrar à vida social e também desconhecem o “mundo dos surdos”. Por outro lado, na maioria das vezes, o povo surdo acolhe o nascimento de cada criança surda como uma dádiva preciosa e não agem como os pais ouvintes que sofrem exageradamente o desapontamento inicial de gerarem seus filhos surdos, isto é evidenciado nas várias gerações de famílias com todos os membros surdos.

Voltando ao assunto, segundo o discurso ouvintista, o sujeito surdo para estar bem integrado à sociedade, deveria se adaptar à cultura ouvinte, porque somente assim poderia viver “normalmente”. Se não conseguir, é considerado “desviante”, conforme o fato ocorrido com a professora surda Teresa:

[...] sabia falar, graças à terapia de fala, desde os 4 anos de idade e por ser filha de pais ouvintes e ter seguido, desde muito cedo, a oralidade. No entanto, a minha pronúncia era defeituosa. As reações dos alunos, alguns a rirem e outros atrapalhados, atingiram-me em cheio como se fossem balas. foi por um triz que não fugi porta fora. Abri a tempo o meu escudo invisível. Eles acabariam por se habituar à minha fala, era só uma questão de tempo. (OLIVEIRA, 2007).⁶

Além disso, há os discursos social que vêem sujeitos surdos como incapazes e deficientes, cito dois acontecimentos recentemente: *eu junto de um grupo de alunos surdos que passaram vestibular para Letras/Libras conversar com uma assistente social da universidade para verem alojamento para eles, elucidei a ela que sou doutoranda e eles alunos da graduação e finalizei explicando o motivo de estar lá, a assistente social pegou papel para fazer cadastro e perguntou para nós: “você sabem ler?”, abismada expliquei de novo que sou doutoranda e eles tem*

⁴ Fonte: <http://www.n-a-u.org/AntropologiaUrbanadesafiosmetropole.html>

⁵ Ouvintista: segundo Skliar, “é um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e narrar-se como se fosse ouvinte”. (1998, p. 15)

⁶ Fonte: <http://profsurdogoulao.blogspot.com/>

graduação, ela repetiu a pergunta... Irritei-me: “*pensa que somos analfabetos?*”⁷

Um sujeito surdo foi a uma consulta médica, o médico fez perguntas para escrever o histórico da vida dele: “qual o seu grau de instrução?” O paciente surdo respondeu que estava fazendo mestrado, médico articulou abismado: “você? Mestrado?” como se não acreditasse da resposta. Que tipo de representação social o médico tem de sujeitos surdos? Seres que não são capazes de estudarem e fazerem mestrado?

Dentro do povo surdo, os sujeitos surdos não diferenciam um de outro de acordo com grau de surdez, e sim o importante para eles é o pertencimento ao grupo usando a língua de sinais e cultura surda que ajudam a definir as suas identidades surdas, menciono um fragmento da dissertação do pesquisador surdo Miranda (2001, p. 8):

Sou surdo! O meu jeito de ser já marca a diferença! [...] Ser surdo, viver nas diferentes comunidades dos surdos, conhecer a cultura, a língua, a história e a representação que atua simbolicamente distinguindo a nós surdos e à comunidade surda é uma marcação para sustentar o tema em questão.

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas⁸ e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as idéias, as crenças, os costumes e os hábitos de povo surdo. Descreve a pesquisadora surda:

[...] As identidades surdas são construídas dentro das representações possíveis da cultura surda, elas moldam-se de acordo com o maior ou menor receptividade cultural assumida pelo sujeito. E dentro dessa receptividade cultural, também surge aquela luta política ou consciência oposicional pela qual o indivíduo representa a si mesmo, se defende da homogeneização, dos aspectos que o tornam corpo menos habitável, da sensação de invalidez, de inclusão entre os deficientes, de menosvalia social. (PERLIN, 2004, p. 77-78)

⁷ Os exemplos citados nas frases em itálico no transcurso dos textos do atual livro, na maioria das vezes são os meus próprios depoimentos das experiências vivenciadas e vistas na comunidade surda durante a trajetória da minha vida como “ser surda”.

⁸ Para saber mais, ler a respeito das identidades surdas em PERLIN, Gládis T. T. *Identidades surdas*. In Skliar Carlos (org.) *A Surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998

O essencial é entendermos que a cultura surda é como algo que penetra na pele do povo surdo que participa das comunidades surdas, que compartilha algo que tem em comum, seu conjunto de normas, valores e de comportamentos.

O que e quais seriam estas normas e valores que tanto fazemos referência neste livro? Por que os sujeitos surdos se comportam diferente dos sujeitos ouvintes? Antes de refletirmos sobre estes questionamentos, primeiro gostaríamos de abordar como a cultura surda é transmitida.

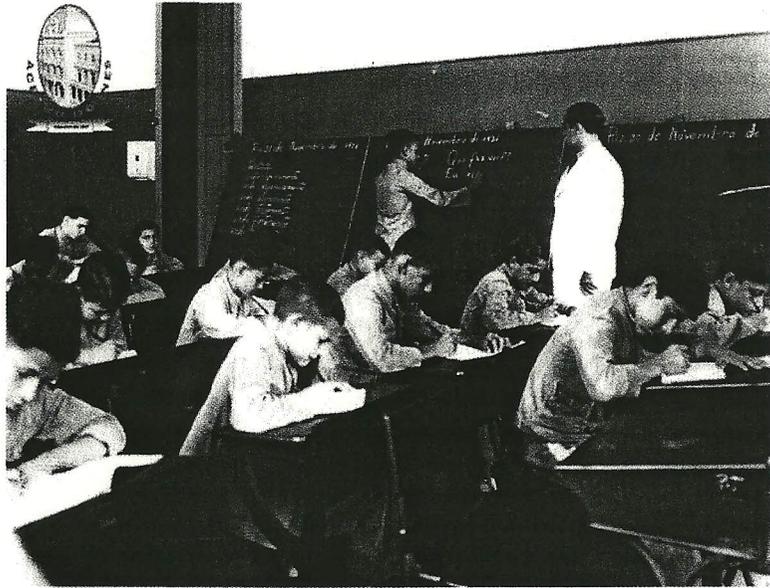
Devido às proibições de compartilhar uma língua cultural do povo surdo em resultado emitido pelo Congresso Internacional de Educadores de Surdos ocorrido em Milão, na Itália, no ano de 1880, o uso de língua de sinais foi definitivamente banido a favor da metodologia oralista nas escolas de surdos.

As crianças surdas não podiam participar nas comunidades surdas e, inicialmente, os espaços compartilhados eram os dormitórios das instituições e asilos, onde os sujeitos surdos eram entregues pelas famílias em regime de internato, até que estivessem aptos para retornar para o convívio familiar, o que, invariavelmente acontecia no início da idade adulta, assim como citam Padden e Humphries (2000, p. 6):

Nos dormitórios, distantes do controle estruturado da sala de aula, as crianças surdas são introduzidas à vida social das pessoas Surdas. No ambiente informal do dormitório aprendem não somente a língua de sinais mas o conteúdo da cultura. Desse modo, as escolas tornam-se centros de atividades das comunidades que as cercam, preservando à próxima geração a cultura das gerações anteriores.

Muitas vezes o processo de transmissão cultural de surdos ocorre com muitos sujeitos surdos somente na idade mais avançada, já adultos, porque a maioria dos surdos tem família ouvintes, ou pela imposição ouvintista nem freqüentam as escolas de surdos e ficam sem contato por muito tempo com a comunidade surda.

As comunidades surdas no Brasil têm uma longa história. O povo surdo brasileiro deixou muitas tradições e histórias em suas organizações. Estas organizações iniciaram diante de uma necessidade do povo surdo ter um espaço para se reunir e resistir contra as práticas ouvintistas que não respeitavam sua cultura. Essas organizações – as associações de surdos, federações de surdos, igrejas e outros – também



Alunos surdos eram internos nesta escola, onde que nos dormitórios longe das vigilâncias, aprendem não somente a língua de sinais, mas também o conteúdo da cultura. (Foto do acervo INES)

tiveram e tem o papel importante que é a transmissão cultural, esportiva, política, religiosa e fraternal pelos povos surdos.

A cultura surda exprime valores, crença que, muitas vezes, se originaram e foram transmitidas pelos sujeitos surdos de geração passada ou de seus líderes surdos bem sucedidos, através das associações de surdos. Infelizmente, elas não são procuradas pela família que procuram as escolas primeiro, porque elas oferecem aos surdos o modelo ouvinte próximo, isto é, “normais”, perante a sociedade ouvintista:

[...] Os pais, entretanto, estão numa fase de crise e é pouco provável que sejam críticos relativamente àquele ponto de vista. Se o profissional descrevesse a comunidade dos surdos, tal descrição seria em termos tão concisos que na realidade os pais não veriam uma alternativa para o estatuto e destino da sua criança. O especialista profissional e os pais partilham, geralmente, a mesma cultura dos ouvintes [...]. (LANE, 1992, p. 38).

Há grandes diversidades das comunidades surdas e cada grupo é organizado de maneiras diferentes de acordo com os mesmos interesses dentre eles, tais como a raça, religião, profissão e outras características distintivas, assim como assevera o autor americano Wilcox: “Embora o termo cultura surda seja usado frequentemente, isso não significa que todas as pessoas surdas no mundo compartilhem a mesma cultura” (2005, p. 78). Isto significa que, além das várias associações de surdos já existentes espalhadas em muitos lugares no mundo, há, em Buenos Aires (Argentina), a associação dos surdos oralizados, em Estados Unidos a associação dos surdos negros, no Brasil a associações de surdos gays, comunidade dos surdos implantados⁹ e outros.

Ao afirmarmos que os surdos brasileiros são membros de uma cultura surda não significa que todas as pessoas surdas no mundo compartilhem a mesma cultura simplesmente porque elas não ouvem. Os surdos brasileiros são membros da cultura surda brasileira da mesma forma que os surdos americanos são membros da cultura surda norte-americana. Esses grupos usam línguas de sinais diferentes, compartilham experiências diferentes e possuem diferentes experiências de vida. (KARNOPP, 2006, p. 99)

⁹ Surdos com Implante Coclear.